

TRABALHADOR RURAL E LÍDER SINDICAL: RELATOS DE MEMÓRIA DE SEVERINO DOMINGUES DE LIMA, O POETA “BEIJA-FLOR”

Severino Domingues de Lima¹

“Beija-flor” apresenta Severino Domingues de Lima

Primeiro, quero me apresentar, sou Severino Domingues de Lima, “Beija-flor”, nasci em 03 de agosto de 1946, no engenho Caraúbas, município de Paudalho-PE. Filho de Domingos João de Lima e Josefa Maria da Conceição, falecidos. Sou filho de trabalhadores rurais, camponeses analfabetos, comecei a cortar cana com 8 anos de idade. Cortar cana, limpar cana. Meu pai me levou a este trabalho para ajudá-lo, e quando falava em estudar meu pai dizia: *"pra que estudar? Estudar para escrever carta para namorada? Vamos trabalhar"* e foi assim que eu não tive a minha infância. Criança e adolescência também foi trabalhando na cana. Não tive estudo durante a minha juventude, ou seja, de criança até meus 18 anos praticamente ia numa escola saia sem saber o que fazer, só depois de 20 anos comecei a estudar realmente.

Estudei na carta do A.B.C, até a lição que dizia “a preguiça é a chave da pobreza”. Em 1958 meu pai mudou-se com a gente do Engenho Caraúbas para periferia da cidade de Paudalho, Olho D’água. Recomecei a estudar na cartilha, mas não terminei porque tive que trabalhar na cana, para ajudar meu pai nas tarefas do dia a dia. Em 1959 saímos da periferia de Paudalho e fomos morar no Engenho Ramos, Terra de São Severino dos Ramos. Foi um período de pouco tempo, mas de muita fome para nossa família, lá não tive direito a estudar e continuei trabalhando nos canaviais.

Em 1959, retornamos a terra onde nasci. Aos meus 13 anos meu pai separou-se de nós. Ele já não trabalhava, tornou-se alcoólatra e resolveu ir embora. Eu, filho mais velho, assumi a responsabilidade de tomar conta do Sítio e criar meus irmãos junto com minha mãe. Mesmo assim voltei a estudar a noite, porque durante o dia trabalhava nos canaviais do Engenho Caraúbas, ainda assim terminei a cartilha.

¹ O autor agradece a Júlio César Pessoa de Barros e Saites Emanuel da Silva pela transcrição de sua participação na V Oficina Sociedades Açucareiras, 22 de novembro de 2013.

Em 1966, fui convidado pelo companheiro de trabalho Ulisses Roque da Silva para enfrentar uma eleição no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paudalho. Em 25 de janeiro fomos eleitos, assumi a tesouraria do Sindicato. Fiz um curso de sindicalismo e cooperativismo no centro social da FETAPE, com duração de 90 dias que ajudou a administrar melhor o Sindicato. Em 1979, assumi a presidência e no mesmo ano nós coordenamos a 1º greve dos canavieiros depois de 1964.

Em 1987, assumi a secretaria da FETAPE, passei pela secretaria, tesouraria e secretaria de Organização e Formação Sindical. Em 1988, fui eleito a vice-prefeito de Paudalho. Em 1992, fui candidato a prefeito, ficando em 2º lugar. Em 1996, fui candidato novamente, ficando em 3º lugar. Em 2000, fui eleito pela 2ª vez a vice-prefeito e pela 3ª vez em 2004. Em 2006, me aposentei e saí da FETAPE, para mais uma tentativa de sair candidato a prefeito em 2008, o que não foi possível. Em 2009, assumi a Secretaria de Assistência Social do município. Em 2011, fui conduzido ao gabinete do prefeito Fernando Moreira, Assessor Especial, até julho de 2012, quando fui escolhido para coordenar a campanha do candidato pelo 2º mandato, que não foi eleito. Continuei associado fazendo parte do diretório do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paudalho. No ano de 2013 fui eleito por 23 Sindicatos de Trabalhadores Rurais da Zona da Mata Norte, membro da Academia Sindical da FETAPE.

Durante o tempo que passei no Sindicato voltei a estudar durante a noite e conclui o curso de Estudos Sociais na Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata. A arte de ser poeta cantador de viola despertou em mim ainda na adolescência, sempre fiz como amador e não como profissional.

A “doce-amarga” vida nas lavouras de cana-de-açúcar

Vivíamos trabalhando na cana das 6 da manhã às 6 da noite. O trabalho era na diária. Tinha hora para pegar e largar, geralmente um capataz ficava na cola dos trabalhadores, para que eles produzissem o máximo trabalhando no regime da diária. Não existia salário determinado por lei. As roupas eram feitas de chita e saco de farinha de trigo.

O salário era muito pequeno, não dava para feira, quando faziam feira a comida era sardinha, mesmo assim comia três vezes por dia. Os trabalhadores tinham um sítio e a família cultivava mandioca, milho, batata, além de criar porcos, cabras e galinhas. Os produtos cultivados no sítio ajudavam demais na alimentação.

O barracão vendia tudo mais caro e ruim. Os trabalhadores que não tinham

uma família para cuidar do roçado geralmente ficavam enterrados no barracão. O que ganhavam não dava para pagar o que deviam. Até serem cortados do barracão, aí a situação piorava.

Hospital apenas na capital. As plantas medicinais, chá, xarope etc. Não havia quem cuidasse dos trabalhadores do campo, era fácil encontrar nas esquinas das cidades ou nas estradas trabalhadores sem braços, sem perna, pedindo esmola. Em caso de parto, recorria as parteiras que atuavam na região.

Os Trabalhadores geralmente eram analfabetos, não tinham interesses na escola dos filhos. Há 10 anos, em uma grande reunião de trabalhadores, fiz a pergunta: *“quem dos companheiros estudou em quanto criança? 95% dos presentes disseram não”*. As escolas dos engenhos funcionavam precariamente, o professor era quem fosse mais desenvolvido e caísse nas graças do engenho. A escola era mantida pelo senhor de engenho e não podiam contrariar interesses do dono do engenho. Muito poucos [votavam], porque o analfabetismo era grande. Os que votavam, era sempre no candidato do patrão.

[O trabalho na cana era] penoso, das 6 da manhã às 6 da noite, na diária. Covagem de cana, cobertura, língua de mato, corte de cana e o carregio. Em alguns Engenhos começaram usar tarefa, conta, sem limite no tamanho. Muitas vezes, o trabalhador rural trabalhava dois dias para tirar essa conta e receber o valor de uma diária, de acordo com o patrão.

***“Não tinha que reclamar não”*: violências patronais contra trabalhadores**

Com a valorização da cana-de-açúcar, claro os senhores de engenho e os usineiros começaram a forçar a barra e pegar os sítios, para plantar cana-de-açúcar. Os senhores de engenho e os usineiros atacaram mais os trabalhadores, no sentido de pegar as terras dos sítios e os trabalhadores tinham dois hectares, três hectares, quatro hectares, não existia um limite para aqueles trabalhadores que moravam e trabalhavam nos sítios. Esses trabalhadores saíam sem indenização, muitas vezes, e era expulso mesmo para vir para periferia da cidade, porque não tinha onde morar.

Teve muita violência companheiro! Teve muita violência! Olhe, tinha um momento em que os patrões pegavam os capangas deles e iam até a casa do trabalhador. Lá dizia pra ele que ele tinha que desocupar o sítio, tinha que ir embora. Aí os trabalhadores começavam a reclamar do que eles tinham plantado ali, eles tinham lavoura de subsistência e tinham bananeira, era a maior fruta, o ramo de fruta era a

bananeira, mas ele dizia que isso era lavoura permanente não era lavoura temporária. Então eles davam um prazo de tantos dias para as pessoas desocuparem aquilo ali. Quando não desocupavam eles colocavam o trator dentro da roça do trabalhador e não tinha que reclamar não, naquele tempo o pagamento era cacete ou desaparecimento.

Lutas, conquistas e estratégias pela efetivação dos *direitos* no campo

As Lutas começaram muito tímidas e depois que os trabalhadores perderam seus sítios para plantio da cana-de-açúcar. Os trabalhadores urbanos também contribuíram para o despertar pra luta, porque eles já tinham várias conquistas, como o INPS. Foi quando os trabalhadores rurais começaram a se perguntar; “*por que nós não temos?*”. Os urbanos começaram a se organizar mais cedo, por isso já tinham sindicato. As reivindicações mais fortes dos rurais eram reforma agrária e previdência social, mas faltava o sindicato para representá-los. Com a necessidade crescente começaram a fazer pequenas reuniões para criar o sindicato. Nessa luta muitos trabalhadores morreram outros foram espancados e presos.

Com a criação de sindicatos pelos trabalhadores, também surgiu as Ligas Camponesas que tinham uma luta mais específica, reforma agrária. O trabalhador escolhia onde queria lutar: se no sindicato da Igreja ou na Liga.

Os sindicatos foram fundados pelos trabalhadores mais ligados à Igreja Católica, e as Ligas já eram existentes. A participação das Ligas era muito forte em nossa região, Zona da Mata Norte, que representava o MST de hoje. Os sindicatos eram mais calmos, mas também organizaram várias greves na zona canavieira para exigir o cumprimento e conquistar direitos.

Olhe, o que a gente sabe é que o movimento sindical, quando começou a surgir, foi como um guarda-chuva, “*tá chovendo e eu quero me amparar e eu vou pra de baixo do guarda-chuva*”. Então o que a gente sabe, o que a gente percebia e não podia é fazer alguma referência, era os comunistas que existia, a gente sabia que existia, a gente sabia mas a gente não tinha, não era uma coisa declarada. Eu mesmo não tive a sorte de conhecer Gregório Bezerra, eu não tive a sorte de conhecer Julião no tempo, vim conhecer depois quando ele voltou.

Essa coisa toda, os comunistas daquele tempo estavam infiltrados dentro do movimento sindical, dando a sua contribuição que foi muito importante. Eu acho que funcionou muito mais nas Ligas de que no movimento da Igreja. Por que a Igreja tinha muito medo do comunismo, a Igreja pregava a paz no meio rural, e as Ligas

Camponesas queriam reforma agrária. Então todo aquele pessoal que defendia a bandeira de reforma agrária, seja de onde fosse, ficava dentro das Ligas Camponesas.

Veja bem como são as coisas, se naquele tempo eu tivesse a mesma capacidade de hoje, de ver, de pensar, de raciocinar, de armazenar informação que eu tenho hoje. Se naquele tempo fosse hoje, eu teria elementos mais suficientes para dizer a vocês, e para o mundo como, era essa questão do comunismo e Ligas Camponesas e sindicato. Eu teria mais condições de detalhar isso, mas por exemplo, eu nasci em 1946, 46 pra 50 vão 4 anos, e para 64 são 14, eu estava com 18 anos, estava completando meus 18 anos, 18 anos já dá para pensar, já dá para ver, mas a gente vivia o atraso tão grande que a gente não compreendeu bem essa questão do golpe de 64.

Olhe um episódio, eu ainda tenho esse discurso em casa, um discurso que eu fiz no ginásio. Eu era primeiro ano ginásial, e foi no ginásio do padre, era a única escola que tinha em Paudalho. Ginásio do Padre era conhecido e eu já tinha meus 18 anos, já era casado e ainda naquele tempo ficou na minha cabeça a dosagem da Igreja. Ficou na minha cabeça de um jeito que naquele tempo eu fiz um discurso, que o Padre corrigiu muitas coisas, mas eu hoje não tenho coragem de dizer que a revolução ela foi benéfica. A revolução que não foi revolução foi um golpe, se fosse revolução valia a pena, mas não foi, foi um golpe que então, eu no meu discurso, eu valorizei demais. Eu tenho vergonha de mostrar a qualquer pessoa, que eu valorizei demais, chamando de revolução e que as nossas fronteiras estavam tomadas pelos americanos. Mas que a gente teve a sorte de o nosso país não ser invadido pelos comunistas. Aí eu lasco os comunistas, eu boto pra ferver em cima dos comunistas, entendeu? Então, e as coisas aconteceram assim, foi rápida a divulgação mais pra cidade que a gente lá no campo *“desapareceu fulano de tal, foi se embora, ninguém sabe pra onde”*. Era uma divulgação.

Meu pai tinha duas carteiras, uma do sindicato da Igreja e outra do sindicato das Ligas. Na hora do golpe, ele enterrou a das Ligas e ficou com do sindicato da Igreja. Olhe é o seguinte: todos os dois sindicatos apresentavam vantagens, qual eram as vantagens? Eram alimentícias. O sindicato da Igreja era um sindicato mais acomodado e tudo que o padre fazia era uma coisa benéfica né, uma coisa boa. E aí ele tirou a carteira dele do sindicato da Igreja. Ao mesmo tempo, o sindicato das Ligas, chamavam o sindicato do Manoel Vicente, funcionava na praça do Rosário, esse sindicato também dava alimentação. O que a gente ganhava era muito pouco, lá no engenho e no sindicato

dando comida, dando leite, dando fubá é farinha de trigo, essas coisas. E o outro manteiga, dava leite também, dava quase a mesma coisa, então se pego uma feira aqui e outra lá, então era bom pra a gente sobreviver. Mas não era papai, papai não tava ligado praticamente a nenhuma, era mais questão de vantagem, meu pai era analfabeto.

Agora quando foi na hora do acocho, que ele viu que o sindicato de Manoel Vicente era o mais perigoso, ele começou a sentir que aquele sindicato não era o sindicato que ele queria ficar, mais era do lado do religioso. A tendência dele, ele não tinha ideologia para saber discernir o que era melhor pra ele, no sentido de luta, no sentido de filosofia, no sentido de direito, ele não tinha essa visão. Mas quando ele viu que o cacete tava comendo era do lado de cá, é claro que ele pegou a carteira que era do lado das Ligas e enterrou, e ficou só com a carteira do lado da Igreja. Só tem que do lado da Igreja pouca gente foram presas, pouca gente foram desaparecidos, por quê? Por que tinha à Igreja e tinha Padre Crespo na frente, sabe, Padre Crespo na frente, Padre Melo dizia que tava também na frente, mas quando foi nessa hora ele ficou do lado de lá, então é.

Papai e muitos companheiros, inclusive Ulisses Roque, que foi presidente desse sindicato e depois foi prefeito dessa cidade, já falecido. Ele estava nesse sindicato desde o Eixo, da Igreja, então esse pessoal não recebe perseguição, e tiveram sim, não tiveram como na Liga, porque aqui mesmo a gente tinha sabido, eu não vi mas os companheiros do sindicato. Contava que um padre, chamava-se Monsenhor Landelino Lins, ele era um Monsenhor e ele era um alemão, tinha coragem para mamar em onça, ele quando sabia ou quando o sindicato ia procurar ele por que tinha um preso, a delegacia prendia, a cadeia pública aqui, ele pegava o jipezinho dele, pegava um revólver deste tamanho. Disseram eu não assisti, mas ele chegava lá na delegacia, na cadeia e lá o sentinela soltava mesmo, por que era o padre que estava pedindo pra soltar, então a Igreja teve muita influência na fundação do sindicato

O sindicato de Paudalho foi fundado por um grupo de trabalhadores, não tenho conhecimento de quem foram eles, eu me filiei depois. As reuniões eram feitas escondidas, chamávamos conversa de Boca de Noite. Rezar terço também era uma maneira de discutir as bandeiras de lutas dos trabalhadores. A liberdade para se reunir não existia. As reuniões eram difíceis de realizar, era feita nas conversas de Boca de Noite e quando se reuniam para o terço, veneração de algum santo. Os companheiros aproveitavam o terço para discutir suas reivindicações. As reuniões aconteciam na casa

dos companheiros. Tudo isso feito com muito cuidado, porque quando o patrão tomava conhecimento, o líder e o dono da casa sofria repressão, era colocado para fora, outros desapareciam e ninguém sabia para onde.

Geralmente era o delegado sindical quem trazia a notícia do sindicato, que também chegava através do jornal, bocário e nas grandes greves era o rádio de pilhas que ajudava. Na época não tive acesso a panfletos. O cordel também teve sua importância na comunicação dos fatos que aconteciam no município ou região. Final de semana, a noite, se reuniam na casa de um companheiro para escutar um que sabia ler cordel. Eles aproveitavam para conversar sobre a situação que eles viviam.

Naquele tempo eu não escrevia poesia, o que eu cantava na palha da cana era de improviso. Confirmando que os versos que fazia, falavam sempre da situação da gente.

As mulheres e as lutas no campo

As mulheres participavam sim, mas como fosse para o terço, eu não me lembro de nenhuma vez que a gente teve coragem de dizer, não era nem eu, eu era praticamente, eu ia mais para o terço mesmo. Mas Ulisses Roque, por exemplo, ele dizia a todo mundo, abertamente: *“vamos criar sindicato porque sindicato é bom”*. Eu não me lembro que eu fazia isso não. Ele começava, rezava o terço e depois ficava um, dois, pelo azeite do terreiro. Aí ele ia, conversava com um, aí conversava com outro, era uma conversa mais individual, não uma conversa de muitas pessoas não. O terço era apenas para juntar as pessoas. Então as pessoas juntavam mais a discussão, eram mais individuais, não era uma coisa no meio do povo todo mundo não. Então as mulheres ficavam lá conversando com as outras mulheres. Então as mulheres não tinham nem ideia da importância que tinha o sindicato, eu acho que foi um pecado. Eu mesmo quando comecei esse sindicato aqui, junto com Ulisses e com José Rufino, a gente fazia reunião aqui no sindicato, não vinha mulher, só vinha homem, era difícil a gente encontrar, vim um homem e trazer a mulher, era muito difícil, difícil demais.

Os ganhos

Os Trabalhadores tiveram como grande ganho, Dr. Arraes governador, porque ele era conhecido como pai da pobreza. Os demais ganhos como E.T.R. e Acordo do Campo, feito tentado na negociação. Patrão, trabalhador e Dr. Arraes. Eu só vim tomar conhecimento muito depois do golpe de 64.

Com o cumprimento de algumas conquistas passaram a ganhar mais dinheiro,

comprar na feira ao invés do Barracão. Vestir-se melhor e ainda comprar um rádio de pilhas para escutar as notícias.

Então Celso Furtado, Gregório Bezerra, Francisco Julião, Ágapito Santos lá em São Lourenço da Mata, que já morreu, companheiro Zé Francisco, Euclides Nascimento, da FETAPE, Marcos Martins, do Cabo, Bú de Timbaúba, essas pessoas que estavam dando respaldo, por que não falar de Dr. Arraes, dando respaldo as lutas dos camponeses, tanto nas Ligas quanto nos sindicatos, então a gente tem que ressaltar essa coragem desses companheiros e agradecer pela participação que eles tiveram dessa luta dos canavieiros.

Reconhecimento da profissionalização dos canavieiros

Com a aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural, os patrões foram obrigados a assinar as carteiras profissionais, colocando a profissão do trabalhador. Onde tinha profissão colocava-se Trabalhador Rural. Antes o trabalhador era chamando de Ticuqueiro, Eiteiro, Caçaco. Mesmo com essa valorização não tenho conhecimento de que carteira foi assinada antes do golpe, mais sim depois da greve de 1979, por força do Ministério do Trabalho na palha da cana.

“Tempos de Arraes”

Tempos que até hoje os companheiros têm saudades. Passamos a ter mais liberdades. Tempo que a polícia e os capangas dos engenhos, deixaram de perseguir os trabalhadores. Fortaleceu os movimentos sociais, como os sindicatos e as Ligas Camponesas.

Um dos propósitos de Arraes era tirar a polícia da porta dos trabalhadores, a polícia nas greves ela reprimia, ela assombrava os trabalhadores. E um comício que iria haver em Recife, onde Arraes iria falar a 30 mil camponeses, que vinham do Sertão, do Agreste e da Zona da Mata, a polícia através do general Justino Alves Bastos, ele montou um esquema tão forte que assombrou os trabalhadores e assombrou a cidade também. Para não acontecer esse comício e uma passeata que iria ter em Recife, onde Arraes iria se fazer presente, então era de costume, aonde se fizesse uma greve a polícia estava para reprimir, para fazer com que os trabalhadores voltassem ao trabalho.

Era tão forte a polícia que várias vezes os usineiros procuravam o delegado, a Secretaria de Segurança Pública para falar com o secretário. Para pedir que a polícia fosse lá no engenho dele que os trabalhadores estavam ofendendo a ordem pública, a ordem particular da empresa e que queriam a polícia de qualquer jeito. Teve um

momento que o secretário perguntou ao usineiro *“me diga por que, para poder eu mandar”*, isso já no governo de Arraes, *“para poder eu mandar a polícia para lá”*, *“isso não é por que eu não paguei o décimo terceiro mês e os trabalhadores estão todos em greve, tá uma desgraça lá”*. Então o secretário disse: *“mas o senhor não pagou o décimo? Mas acontece que o senhor recebeu dinheiro do governo”*, porque esse setor sempre foi subsidiado, sempre recebeu dinheiro do governo federal. Arraes conseguiu, com tanta boa vontade que Arraes tinha de ver a paz no campo, que conseguiu recursos do governo federal para os usineiros, então era uma vontade muito grande. Mas voltando, o secretário: *“mas estamos no mês de junho, por que é que esse pessoal está pedindo o décimo terceiro mês?”*, o usineiro disse: *“olhe mas não é o desse ano não, é o do ano passado”*. Secretário: *“e por quê o senhor não pagou?”*. Usineiro: *“A por que eu tive que gastar com isso e aquilo e tal, o senhor não vai lá não é? Quer dizer que a gente não tem mais prestígio com esse governador? A gente tinha tanto prestígio.”* Secretário: *“não olhe, pelo que estou vendo isso não é um caso de polícia, o senhor procura a Delegacia do Trabalho e faça sua reclamação lá, que o delegado vai resolver esse problema. Agora eu acho que quem está precisando de polícia é o senhor, que deveria ter pago e não pagou o décimo terceiro mês do povo”*.

Quer dizer a esperança está de volta, foi quando Arraes chegou ao poder naquele tempo. Era uma esperança muito grande para os trabalhadores, digo isso por que trabalhava também no campo, com dezoito anos de idade mas já trabalhava, como disse aqui, que com meus oito anos já estava trabalhando. Então com meus 18 anos já estava trabalhando no campo e a gente tinha uma esperança, a gente vivia muito oprimido, sofrido. O dono do engenho lá, engenho Caraúbas, ele morava em Recife, só ia lá nos sábados, mas tinham os capatazes dele, que reprimiam, nós cortávamos cana por feixe naquele tempo, eram vinte pedaços de cana, dez de um metro e vinte e dez de quarenta centímetros. Vinte pedaços, se você amarasse com dezenove você perderia a sua cana. Se ele desconfiasse de um feixe e fosse contar, o cabo, quando chegasse e tivessem dezenove, você perderia a cana que você trabalhou o dia inteiro. Então isso era muito duro, e não tinha salário. Então quando Arraes chegou, foi a primeira coisa dita: *“vai cumprir, vocês tem de cumprir agora o salário mínimo”*, que em Recife, nem Pernambuco, ou lugar nenhum, ninguém recebia o salário mínimo. *“E para o campo, o que se vai fazer?”* Fazer uma reunião e discutir. Fizeram uma reunião, e dessa reunião tiraram uma comissão para sair nas usinas, nos engenhos fazendo um levantamento, por que a Tabela de Tarefas é uma coisa complicada, que ainda hoje ainda existe na nossa

convenção e no nosso dissídio coletivo com algumas modificações.

Por que com o tempo, por exemplo: a gente cortava cana amarrada naquele tempo, cana crua, hoje é cana solta, queimada então isso modifica, houve modificações. Aí tem lugar que o barro é solto, tem lugar que o barro é duro, terra de areia, para gradear a terra, para limpar o mato, tudo tem uma quantidade. E naquele tempo não tinha disciplina no campo, não existia, o cabo chegava media doze por doze, catorze por catorze e você media a vara e tinha que tirar mesmo para ganhar uma migalha. Não tinha salário, não tinha nada, os usineiros se juntavam quando iria começar a safra, eles se juntavam, faziam reuniões no sindicato dos usineiros e tiravam uma decisão única. Para todo o estado onde tinha cana plantada, se fosse cana ruim era uma coisa, se fosse cana boa era a mesma coisa, era casca e nó, como se chamava antigamente. Então não existia disciplina. Com esse acordo, então essa comissão trabalhou vários meses visitando sindicatos, usinas e fazendo ajustamentos e foi quando na mesa de negociação, quando na primeira vez sentou trabalhadores rurais e usineiros, foi onde saiu o Acordo do Campo. Esse Acordo do Campo foi muito importante para os trabalhadores, mas isso não saiu de graça.

O Estatuto da Terra também não saiu de graça. O Estatuto do Trabalhador de Rural à lei 4.214 de 2 de março de 1963 também não veio de graça não. Desde em 1951 que o deputado Fernando Ferrari já fazia decreto lei pedindo uma lei que protegesse o trabalhador rural, que desse direitos ao trabalhador rural e não conseguiu. Depois de 11 anos, em 1963, conseguiu ser aprovado o Estatuto do Trabalhador Rural. Esse Estatuto veio com uma amplitude grande de direitos que até hoje nós sindicalistas nos inspiramos muito nele. Ele tinha coisas que hoje não tem, por exemplo, a lei da previdência social. Quando a gente teve previdência social aqui, em 1972, foi meio salário. E lá no estatuto já dizia que ninguém não poderia receber menos que o mínimo, então o décimo terceiro mês foi o maior problema para ser pago. O décimo terceiro mês, e estava no Estatuto, por que os usineiros achavam naquele tempo que os trabalhadores não tinham consciência para ganhar um salário mínimo, o que eles produziam não valia um salário mínimo, era a ideia dos usineiros. Então Arraes foi muito simpático com essa medida de cumprimento desses direitos. Arraes era muito mais pela legalidade, mas Arraes era pé no chão, pra pegar Arraes no erro era difícil.

O general Justino Alves que disse que foi muito difícil conviver com Arraes, porque Arraes queria o certo e o coronel não aceitava o que Arraes queria. O Francisco

Julião também, Arraes não se deu bem algumas coisas, por que Arraes não gostava porque Francisco Julião ele tinha uma forma como advogado, uma forma assim, de passar por cima da lei e colocar os trabalhadores na lei e na marra, o que você que disse ainda agora, ocupar a terra em que trabalha. Já Arraes não, Arraes tinha um respaldo, tem uma lei dizendo que é pra ocupar terras, ele dizia, ele era muito mais seguro, firme nas coisas.

O pessoal tinha Arraes como um Deus, como papai Arraes. Então quando soube que papai Arraes foi preso, então quem vai ser o governador da gente agora? Como é que fica essa situação? Então todo mundo enlouqueceu. Então corre pra onde? Corre pra cidade? E será que o sindicato tinha estrutura pra levar esse pessoal todinho pra Recife? Era muito complicado. Aí vai um de ônibus, nem ônibus tinha naquele tempo, tinha umas sopas que carregavam o povo. Iam de caminhão, vão de trem, vão de todo jeito e aí, às vezes, teve sorte de chegar até Recife e não teve sorte de chegar a Recife

Quem é que vai substituir? Quem é que vai ser nosso governador? todo mundo quis saber. É daí que os trabalhadores começam a sentir mesmo que esse negócio foi pesado. Por que aqueles que foram presos e depois foram torturados e soltados em qualquer lugar, eles já sabiam de tudo que podiam tá boquejando. Alguém contou. Me levaram pra algum lugar, um quartel dentro de uma mata. Me levaram lá, me penduraram, me botaram dentro de um barril de água, muita bosta, só ficava desse lado de fora. Essas coisas, o que passava com aquele cara era a mesma coisa, se você sair dizendo que houve isso, isso e isso você vai morrer. Aí aqueles outros coitados não sabiam de nada, que não foram torturados, mas aí todo mundo começou entender que o negócio era pesado mesmo. Então quando eu digo formigueiro assanhado era por que não teve coordenação não. O coordenador desse negócio era doutor Arraes, então quando ocorreu esse negócio. Então todo mundo foi correndo pra lá, pra cá de ônibus, de trem, de pés de todo jeito e foi difícil também chegar em Recife, por que as entradas e saídas estavam tudo cercadas, fechadas pelos militares, o exército. E ao final de contas não era só o exército não, era tudo que é de militarismo estava coordenando as coisas e os trabalhadores muitos deles queriam avançar o sinal eram presos e tudo, houve muita loucura, mas os trabalhadores sempre tem razão né?.

Greves nos engenhos

Nós éramos convidados pelo delegado sindical. O delegado passava rápido no trabalho onde estavam os trabalhadores, o delegado juntava 4, 5 trabalhadores e saiam

juntos, de engenho em engenho, parando os companheiros e pedindo para interromper o trabalhador que furar a greve, quebrando a força da gente e ficando do lado do patrão. Assim iríamos ganhar nossas reivindicações.

A cana se mexia, quando o trabalhador estava furando a greve, ou seja, trabalhando durante a greve. A cana grande, do alto a gente via que tinha trabalhador trabalhando. Então a gente ia até lá convencer ele a parar.

Houve várias greves nos canaviais. Principalmente no governo de Dr. Arraes. Para cumprimento do Estatuto do Trabalhador Rural, a lei 4214 de 02/03 de 1963. Dr. Arraes exigia dos usineiros, senhores de Engenho o cumprimento da lei, principalmente o salário mínimo e o 13º mês. Quando os patrões não cumpriam nós fazíamos greve e sempre o resultado foi positivo.

Na verdade, a luta era pelo o cumprimento do Estatuto do Trabalhador Rural, na época foi uma grande conquista nossas, o 13º mês e o salário mínimo foram os mais importantes. A maior, na zona canavieira, aconteceu para nos pagarem o 13º mês.

A grande greve 1963. 300 mil trabalhadores rurais parados

Então, houve também essa questão da greve que foi uma greve de 300 mil trabalhadores, 300 mil camponeses, isso do campo e da indústria, se juntaram todos, até o sindicato dos chumbeiros, conseguiram também juntar 6.500 trabalhadores. Então essa greve foi uma das greves, que eu me lembro, maior e parece que tinha algum objetivo, fazer a volta de um delegado do Instituto de Pensão e Aposentadoria uma coisa assim, e cumprimento do Estatuto do Trabalhador Rural, então eu mesmo consegui ser beneficiado apesar de tanta greve que houve durante 1963.

Essas greves, quase todo dia tinha uma greve, eu achava era bom, eu era daqueles que saía procurando, a gente colocava o rádio numa cana lascada, pegava a cana lascava ela e botava um radinho lá, a gente pegava uma cana lascava ela assim e a gente ficava acompanhando as notícias. Tanto a gente fazia greve para buscar os direitos da gente ali, como a gente era solidário aos que paravam. Era greve direto. Os companheiros vinham 4 ou 5: *“para todo mundo aqui, e vocês vão parar o engenho tal”*, e a gente saía com a muleta, era com a foice. Para tudo mesmo agora, e a gente chegava lá: *“para tudo que é greve, e é Arraes! é Arraes!”*. Nos vai e o pessoal parava mesmo. Eu me lembro que eu ficava de tocaia, teve um dia que a gente parou o pessoal de manhã. Estava limpando o mato. Quando foi de tarde, eu almocei, eu digo: *“eu vou voltar lá, eu vou sozinho, esse pessoal não pode furar a greve não”*.

Aí fui, quando cheguei lá e subi no alto, o trabalho era em baixo na várzea, eu ficava de tocaia pra ver a cana mexer. Por que a gente ficava e a cana mexia. Ai eu fiquei olhando. Tinha dois, um longe do outro. Oxe! Eu me meti dentro da cana, gritei: “*para!*”, eles não sabiam nem quem era, quando cheguei na plantação só encontrei a enxada, desapareceu no meio do mundo, foi se embora. Essa foi o final mesmo. Foi no fim. Que eu depois recebi o décimo terceiro mês, recebi o décimo terceiro tão contente, vim aqui em Recife comprei uma viola, comprei um pano com um paletó, com gravata, com sapato e tudo e virei cantador de viola.

E saia por ali a fora, trabalhava a semana na palha da cana, no sábado e domingo eu ia ganhar meu trocadinho cantando viola, fazendo animação das comunidades rurais. Então gente, quero, mais uma vez, dizer que a gente precisa animar os nossos jovens, a gente está vendo o Brasil passando por uma situação de débito com a sociedade, a gente tem muitas coisas aí que a gente não vai entrar nesse debate agora. Mas desde o golpe de 1964 ainda muita gente dos que escaparam deram muita coragem pra gente continuar essa luta. A luta não vai parar, em quanto esse capitalismo selvagem esmagar, explorar trabalhadores a palavra de greve deveria ser escrita bem grande e nunca ninguém esquecer, porque é com a greve que a gente consegue resgatar nossos direitos.

A repressão depois do golpe

Durante o golpe as notícias chegavam através do rádio de pilhas, informavam que o exército cercou a casa do governador, para prender Dr. Arraes, mas a gente não entendia bem o que estava acontecendo. O que gente sabe é que muitos canavieiros foram a Recife na intenção de defender Dr. Arraes. A zona da Mata virou um formigueiro assanhado. Trabalhadores, viajavam a pé, de trem e caminhão para ver se chegavam à Recife, mas era difícil porque o exército fechou as estradas.

Toda essa inquietação piorou, ainda mais, quando tivemos a notícia que Dr. Arraes não era mais o governador de Pernambuco. Naquele momento o exército atuou com mais força fechando os sindicatos, prendendo lideranças sindicais e das Ligas Camponesas. Alguns foram liberados e outros, ninguém sabe onde anda até hoje. Como Manuel Vicente, em Paudalho, que era das Ligas, Manoel Gonçalo, 1º presidente da FETAPE, preso e torturado, Manuel Vitorino, participante das Ligas em Matriz da Luz.

Já era difícil reivindicar direitos antes do golpe e depois pior ainda. Os sindicatos com interventores da administração do Ministério do Trabalho, que apoiavam

os usineiros. Reclamar a quem? Os trabalhadores não confiavam mais em ninguém, pensavam que tudo iria acontecer novamente. Só a partir do ano 1967, quando fizemos a eleição, tiramos o interventor de dentro do sindicato. Foi quando os trabalhadores começaram a voltar ao sindicato para participar de reuniões, mas sem coragem de reclamar. Uma estratégia muito difícil de se cumprir foi usar a lei através Estatuto do Trabalhador Rural, para tirar o interventor do sindicato.

Depois do golpe todo mundo prendia, espancava, torturava, matava. Não era só o exército, mas a polícia militar e a privada dos usineiros e senhores de engenho. As torturas aconteciam nas senzalas dos engenhos, cadeia pública dos municípios e os que eram presos pelo exército, nos quartéis em Recife.

Era bem diferente [da época de Arraes], porque antes a violência vinha mais dos patrões e depois, por parte da polícia militar e exército. A tortura era tão forte que o trabalhador dizia até o que nunca fez. No mais, era na espingarda 12, rifle, revolver 39 e cacete.

Justiça do Trabalho

O Sindicato dava advogado que preparava reclamação e encaminhava a justiça do trabalho. No início as reclamações eram férias vencidas, aí o trabalhador recebia em dobro. Sempre que possível fazia a reclamação coletiva, para dificultar o patrão botar pra fora o trabalhador.

Não Temos conhecimento de reclamação trabalhista antes do golpe. No judiciário, após o golpe, a Justiça do Trabalho teve um papel importante apesar das suas limitações e morosidade, mas era a justiça que estava mais próximo do alcance dos trabalhadores.

A Justiça do Trabalho ela colhia a informação que você desse, se por exemplo, fosse coletiva ou não coletiva, mas os sindicatos começaram a sentir que a represália contra os trabalhadores era maior quando os trabalhadores iam sozinhos para justiça. Então os sindicatos faziam uma luta grande, no sentido de conscientizar os trabalhadores para reclamar na justiça e não reclamar só. Isso não foi fácil, isso não foi fácil, por que primeiro os trabalhadores não queriam reclamar, mas não queriam, não era por que não queriam, era por que tinham medo de apanhar, ser morto, por que quantos trabalhadores nessa região, canavieira de Pernambuco, não só na Mata Norte, mas na Mata Sul também, foram mortos a mando de senhores de engenho de usineiros?

Foram muitos. Então isso intimidava os trabalhadores a reclamar seus direitos na justiça, mesmo a gente já trabalhando com a hipótese da lei 4.214, o Estatuto do Trabalhador Rural, mesmo a gente dizendo que a lei garantia a reclamação. Mais pertinente era a reclamação a respeito de férias, por que o Estatuto do Trabalhador deu férias dobradas, só tem que era apurado o número de faltas, mas os patrões geralmente não tinham condições de provar isso.

As faltas dos trabalhadores tinha que ser por escrito e a prova era deles, então quando se reclama a prova, a contestação é do patrão. O patrão tem que contestar e provar que você não fez jus as férias. Então o trabalhador tinha medo de reclamar, mas a gente sempre incentivava devagarinho, e dizia que os trabalhadores tinham estabilidade. E também tinha, trabalhadores com dez anos de trabalho era pedir, reclamar os seus direitos e não podia ser botado pra fora, não podia. Mas podia, aí eles colocavam pra fora, e para pagar isso era muito difícil, era obrigado que o sindicato fizesse penhora, pedisse pra penhorar algum bem da propriedade. Olhe que coisa difícil, o oficial de justiça ir penhorar o trator da usina Petribu, olhe meu irmão era muito difícil, o oficial as vezes ia, mas as vezes voltava na carreira.

Eu assisti aqui, isso já em 1981 e 1982, eu assisti o Ministério do Trabalho fazendo fiscalização nos engenhos, quando a gente entrava no engenho estava assim de menino, de adolescente de 10 anos, de 12, 14, 15, tava assim, trabalhando. Quando eles chegavam que eles viam que era o Ministério do Trabalho e sindicato eles metiam-se por dentro das cana, quando era daqui a pouco o inspetor estava perguntando cadê os meninos daqui, não tinha um, desaparecia tudinho, ia embora, era a orientação do patrão. E aí a gente ficava lá, fiscalizando, pegando nome de trabalhador, por que cada trabalhador daqui leva uma multa por que a empresa levava também. Mas nunca ouvi dizer que pagou uma, nunca ouvi, mas tinha esse negócio de multar. E quando o patrão vinha que encontrava a gente na palha da cana, mas de uma vez eu senti na pele vontade de correr, de ir embora.

A gente chegou aqui para pagar o 13º mês no engenho São Bernardo, o proprietário era Herculano Bandeira, tinha tomado uma nesse dia e foi pra lá topar com o sindicato e o Ministério do Trabalho. E eu vi os companheiros do Ministério do Trabalho, como diz a história, fracassar. Por que ele pegou no cabo do revolver e disse: *“você desapareça da minha propriedade e nunca mais vocês vão entrar aqui”*. E eu vi a hora ele atirar na gente, mas o senhor Pariso Cavalcanti, que era o escriturário dele,

pediu a ele. Tiraram ele e ele foi embora, cabeça quente. Eu levei o caso a Secretaria de Segurança Pública. Ganhei a questão. O secretario depois pediu se eu queria batedor pra andar, com dois motociclista militar pra onde eu fosse. Eu enjeitei isso, graças a Deus não precisei disso e eu tô vivo até agora. Ele e o escriturário já morreram, mas morreram por que tinham de morrer mesmo, não foi ninguém que matou. Mas isso não foi só aqui, foi em vários engenhos por aí a fora. A fiscalização quando chegava pela primeira vez, por que a fiscalização nunca entrou no campo depois de 1964 então era bronca, ninguém queria não, entendeu?